



Cartilha
Ciclo Junino
2008



Prefeito do Recife

João Paulo Lima e Silva

Vice-prefeito do Recife

Luciano Siqueira

Secretaria de Coordenação Política de Governo

Marcos Túllius

Assessor Executivo

Luiz Torres Neto

Secretária de Gestão Estratégica e Comunicação Social

Lygia Falcão

Assessor Executivo

George Meireles

Secretaria de Planejamento Participativo,**Obras e Desenvolvimento Urbano e Ambiental**

João da Costa

Assessor Executivo

Paula Mendonça

Secretaria de Finanças

Elísio Soares

Assessor Executivo

Angela Weber

Secretaria de Assuntos Jurídicos

Bruno Ariosto

Assessor Executivo

Raimundo Fernandes

Secretaria de Serviços Públicos

Amaro João da Silva

Assessor Executivo

Antônio Valdo

Secretaria de Saúde

Tereza Campos

Assessor Executivo

Ilka Falcão

Secretaria de Educação Esporte e Lazer

Maria Luiza Aléssio

Assessor Executivo

Edna Garcia

Secretaria de Administração e Gestão de Pessoas

Fernando Nunes

Assessor Executivo

José Carlos Andrade

Secretaria de Assistência Social

José Bertotti

Secretaria de Turismo

Samuel Oliveira

Assessor Executivo

Carlos Baga

Secretaria de Habitação

Isabel Viana

Assessor Executivo

Luiz Antônio

Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico

Djalma Paes

Assessor Executivo

Aurélio Molina

Secretaria de Direitos Humanos e Segurança Cidadã

Karla Menezes

Assessor Executivo

Cel. José Ramos

Secretaria de Saneamento

José Marcos de Lima

Assessor Executivo

Jorge César

SECRETARIA DE CULTURA**Secretário de Cultura**

João Roberto Peixe

Assessor Executivo

Mária do Céu César

Assessor Especial

André Brasileiro

Diretora de Captação de Recurso e Marketing Cultural

Jucy Monteiro

Diretora de Preservação do Patrimônio Cultural

Franciza Toledo

Gerente de Preservação do Patrimônio**Cultural Imaterial**

Carmem Lélis

Gerente do Centro de Formação, Pesquisa e Memória**Cultural – Casa do Carnaval**

Eduardo Pinheiro

FUNDAÇÃO DE CULTURA CIDADE DO RECIFE**Diretor Presidente**

Fernando Duarte

Diretor de Desenvolvimento e Descentralização**Cultural / Coordenador Geral do Ciclo Junino**

Beto Rezende

Diretora Administrativo-Financeira

Sandra Simone dos Santos Bruno

Assessora Técnica para Projetos Especiais

Séphora Silva

Gerente de Formação Cultural

Zélia Sales

Gerente de Artes Cênicas

Albemar Araújo

Gerente de Serviços Pedagógicos

Mário Ribeiro

Gerente de Serviço de Produção Gráfica

Lúcia Helena N. Rodrigues

Apresentação

Combinando as invenções das culturas populares, as inventividades de nossas tradições, a oralidade, a memória e os rituais, este trabalho apresenta ao grande público a diversidade e a riqueza das festividades juninas na nossa região, além de instigar o leitor a refletir sobre as múltiplas faces assumidas por Juno¹ ao longo dos tempos; seus sujeitos vários e predicados transitórios, significados mutantes e, inevitavelmente, polissêmicos, capazes de expressar a mudança e o movimento do tempo histórico.

Interdisciplinar, a Cartilha incide numa pluralidade de temas diversos, internamente entrelaçados, incluindo, entre outros: a contribuição dos cultos pagãos no processo formativo das celebrações juninas nos países cristãos; as diferentes formas de crer e celebrar publicamente; as práticas milenares das simpatias e adivinhas; as nossas manifestações culturais comuns à época; além dos saberes que dão à festa um sabor especial. Alimentos que unem tradições e rituais.

Como um verdadeiro espetáculo teatral, iniciamos a trama puxando pelo fio da ancestralidade até os dias atuais, passeando pelos arraiais de rua, os shows nos pátios e nas praças, os concursos, o culto ao fogo, a magia, as novenas e trezenas em louvor aos santos. E ainda, as danças de umbigada, de roda, os movimentos coreográficos, os cenários, além dos sujeitos-brincantes com posturas tão diversas quanto os estilos de festas e iguarias. Estas elaboradas e reelaboradas à base de um cereal nativo das Américas – o milho – presente na maioria das comidas do ciclo. Milho com coco, milho com mel, milho com dendê... comidas de milho. Comidas de São João, comidas de Xangô. Um verdadeiro banquete sagrado/profano servido e ou comercializado nas casas, nos pejis, nas barracas espalhadas pelas ruas, nas esquinas, nos mercados e nas praças da cidade.

1] Segundo a mitologia grega, Juno representa a divindade da fertilidade do homem e da terra.

Para além desse diálogo, os textos que seguem brindam o leitor com algumas reflexões em torno do problema da permanência e da mudança ou da interação entre a estrutura e a ação das festas de São João na nossa região. Entre tais reflexões, a observação de que, na história das celebrações dedicadas às divindades do período, se dá a preservação de certos valores e práticas aliada à ressignificação ou à criação de outros. Há alguma coisa que permanece ao lado de outra que se transforma. Baseados nisso, sentimos a necessidade de entender essa simultaneidade ou sincronia dos processos de continuidade e descontinuidade, assim como a proporção entre essas dinâmicas.

Um outro aspecto significativo deste trabalho diz respeito à estreita relação com a educação. Uma vez que acreditamos ser a aprendizagem um instrumento permanente de afirmação das culturas, ao abordarmos o ciclo junino estamos fazendo cultura; estamos falando de práticas que envolvem uma determinada rede de valores os quais dão sentido à nossa vida como pessoa, como pernambucanos, como brasileiros.

Nesse sentido, esta Cartilha tem permitido ampliar essa discussão. Em 2007, ano da sua primeira edição, foram distribuídos 2 mil exemplares no Recife e na Região Metropolitana. Um número pequeno, diante da imensidão de curiosos e eternos aprendizes, mas o suficiente para estimular o estudo e a pesquisa em torno das nossas expressões culturais, que de uma forma ou de outra, falam e dizem de nós.

Diante de resultados tão satisfatórios, brotou o interesse das Gerências de Artes Cênicas e de Formação Cultural da Fundação de Cultura Cidade do Recife em organizar a 2ª edição, que oferece caminhos e questionamentos para futuros aprofundamentos e aprimoramentos, além de desvelar passo a passo o amplo espectro de saberes e fazeres, os quais dispomos agora para a sua reflexão.

Viva Juno, São João e Xangô! Viva a diversidade! Viva a festa!

Albemar Araújo | Gerência de Artes Cênicas / FCCR
Zélia Sales | Gerência de Formação Cultural / FCCR

Por uma
Ancestralidade Festiva:
de Juno a São João





Por uma ancestralidade festiva: de Juno a São João

Historicamente relacionadas aos rituais agrários promovidos pelas primeiras civilizações européias, as festividades juninas remontam ao período pagão, em que o calendário das estações marcava as datas das grandes festas para os vários povos. Comemorava-se o solstício de verão², momento em que os celtas, por exemplo, na Península Ibérica, realizavam grandes festas às vésperas do início das colheitas. Acreditavam que só agradando às divindades, alcançavam o sucesso em seus trabalhos agrícolas.

O desejo inevitável de descobrir, de transfigurar a realidade, de desconstruí-la e reelaborá-la e de desejar mais que não somente o que é oferecido, levou os homens, na Roma Antiga, no período correspondente ao mês de junho, a promoverem muitas festas para comemorar as boas colheitas e homenagear Juno – a deusa da fertilidade. Havia comida e diversão em abundância, as ruas eram enfeitadas e as fogueiras acesas para espantar os maus espíritos da esterilidade, das pestes e das secas.

Desde os tempos antigos, o fogo esteve presente nessas festas. Segundo Câmara Cascudo, não há culto mais amplo, nem mais antigo que o culto ao fogo. Afugenta fantasmas noturnos em qualquer parte do mundo³. Acendiam-se fogueiras desde as ilhas da Inglaterra até a Europa Central e da Escandinávia até o Norte da África.

Com o advento do Cristianismo, a Igreja Católica como não conseguiu extinguir aquelas comemorações ritualísticas, proibiu-as; e assim como aconteceu com outras festas de origem pagã, adaptou-as ao seu próprio calendário festivo, na devoção a São José, Santo Antônio, São João, São Pedro e São Paulo.

2] Fenômeno resultante de mudanças do percurso do sol em sua órbita, o que determina consideráveis alterações na duração da luminosidade do dia e da intensidade do calor (dias mais longos), repercutindo, por esse motivo, nos trabalhos agrícolas.

3] CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10. ed. São Paulo: Global, 2001. p- 236-237.

Sendo assim, identifica-se na história das festividades juninas, a “preservação de certos valores e práticas aliada à ressignificação ou à criação de outros. Há alguma coisa que permanece ao lado de outra que se transforma.” Por exemplo, o culto ao fogo fundiu-se com a tradição cristã, representada pela fogueira que Isabel acendeu para comunicar a sua prima, Maria, o nascimento do tão esperado filho João. Outro exemplo são as noites de verão (para o Hemisfério Norte) que o cristianismo dedicou a São João, pois segundo tradições milenares, era a noite da floração de determinadas plantas usadas na preparação de feitiçarias para obtenção da felicidade no amor e para adivinhar o futuro.

Os oráculos da Antiguidade, por sua vez, tais como Delfos, Diana, Sibilas e outros cultos solares praticados na Inglaterra, França e na Península Ibérica durante o período pagão, foram convertidos em adivinhações; assim como outras práticas cotidianas foram sincretizadas, ganhando o aspecto de religiosidade do catolicismo popular.

No Brasil, as comemorações juninas, também chamadas Joaninas, constituem herança portuguesa e tiveram início depois da chegada dos primeiros colonizadores, com a instalação de núcleos missionários, principalmente os jesuíticos. Estes, por sua vez, como forma de atrair as atenções dos povos indígenas e facilitar o processo de catequese, organizaram peças teatrais com músicas e missas campais, nas quais os capelistas (homens e mulheres coroados de capelas de flores e folhas) saíam pelas ruas e estradas cantando toadas em louvor a São João.

No processo de formação do povo brasileiro, essas influências foram fortemente acrescidas pela presença da história e da cultura de vários povos que aqui se encontraram, principalmente indígenas e africanos, que contribuíram com suas bagagens e memórias para a construção deste país e para a produção das nossas identidades.

Apesar de o ciclo junino ter início no mês de março (dia 19) com as novenas a São José e o plantio do milho, a festa mesmo se dá em junho, quando os três santos (Santo Antônio, São João e São Pedro) são efusiva e intensamente comemorados em todo o Brasil, desde o período colonial.

Durante esse período, o país fica praticamente tomado por celebrações. Na região Nordeste, as festividades estão diretamente vinculadas ao início da colheita do milho. Muitas comidas e bebidas são preparadas e consumidas com muita fartura, entre o som dos sanfoneiros, trios de forró, cantadores e dançarinos dos diversos ritmos regionais (coco, ciranda, xaxado, quadrilha...). Por outro lado, estudiosos consideram que no centro-sul do Brasil não foi restabelecida a ligação das festas juninas aos ritos agrícolas, constituindo-se os festejos em missas, procissões, ladainhas, novenas e trezenas, com base no devocionário popular aos santos da época.

Independentemente da natureza profana ou sagrada, as perspectivas das comemorações do São João⁴ transformam as cidades e seus cotidianos; os ares se impregnam com o cheiro de fumaça, de milho assado, canjica e pamonha; as pessoas consciente ou inconscientemente voltam às origens agrárias e às práticas milenares de culto ao fogo, preservado no acender das fogueiras⁵, no estourar de bombas, traques de massa, cobrinhas, vulcões, estrelinhas, rojões e busca-pés⁶.

4] Expressão pela qual os nordestinos se referem ao ciclo de festas do mês de junho.

5] Na região Nordeste, acender fogueira durante os festejos juninos é uma tradição vivenciada tanto no campo como na cidade. Famílias inteiras se reúnem para assar milho na brasa, homens e mulheres se fazem compadres e comadres. Segundo o imaginário popular, para cada santo homenageado do ciclo, a fogueira tem um formato diferente. Assim, para Santo Antônio, sua base é um quadrado; para São João, sua base é redonda e para São Pedro, sua base é triangular.

6] No Nordeste, a prática de comercialização de fogos é feita através da Rifa – espécie de caixote, em formato de casa, enfeitado com franjas de papel crepom colorido.

O Recife
tem São João





O Recife tem São João

Durante todo o mês de junho, no Recife, como nas principais capitais do Nordeste, as festividades juninas encontram um ambiente muito propício às expressões culturais e artísticas típicas da época. É tempo de comidas de milho, procissões, quadrilhas juninas, cirandas, coco, xaxado, acordes de sanfona, triângulos e zabumbas invadirem as ruas, as pontes e os pátios da cidade; abrilhantar e contribuir para a preservação da memória da festa.

Nesse período, o Recife interioriza-se e transforma-se num imenso arraial. A cidade inteira se deixa envolver pelas cores, sabores e belezas de uma festa que une tradições agrárias, contemporaneidade e fé.

No bairro do Recife, ilha que originou a cidade, encontra-se o pólo que concentra o maior número de pessoas, principalmente os turistas. Dividindo o espaço com os casarões centenários, o palco da Praça do Arsenal apresenta uma programação para todos os gostos. São dezenas de shows com artistas locais e nacionais, sanfoneiros, trios de forró, quadrilhas juninas, além do tradicional Encontro das Bandeiras de São João e Acorda Povo. O Trem do Forró constitui um espetáculo à parte. Seu ponto de partida é o Marco Zero e percorre diversas cidades. A cada parada novas pessoas entram e se integram à festa no trem, onde o forró não pára de ser tocado, cantado e dançado.

No Pátio de São Pedro⁷- ponto tradicional de encontro de artistas, boêmios, brincantes e produtores culturais - outro pólo é montado, reunindo centenas de pessoas atraídas pelas apresentações de quadrilhas juninas, grupos de danças populares, sanfoneiros, trios de forró e muitas outras festividades.

Ainda no Pátio, o Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural – Casa do Carnaval⁸ abriga a exposição dos homenageados

7] O Pátio de São Pedro fica localizado no bairro de São José e em 1938 foi reconhecido como Patrimônio Nacional, constituído pela Concatedral de São Pedro dos Clérigos e por um casario colonial, composto por 31 imóveis.

8] O Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural – Casa do Carnaval é um espaço

do São João que já faz parte do calendário oficial e ansiosamente é esperada por todos: estudantes, pesquisadores, artistas, familiares dos homenageados e público em geral, que com frequência visitam o espaço. Geralmente, as exposições são compostas por painéis, objetos pessoais, roupas, fotografias, *banners*, vídeos e *folders*. Estes, por sua vez, são distribuídos entre os visitantes como forma registrar e propagar a memória da exposição.

Mais adiante, na Praça da Independência, centenas de brincantes de diversas quadrilhas do Recife e Região Metropolitana (mirins e adultas), concentram-se para mais um Quadrilhão⁹ – espécie de caminhada festiva pelas ruas do centro da cidade até o Marco Zero. Durante todo o percurso, a forrovioca e trios de forró garantem a animação da festa.

Seguindo em direção à zona norte da cidade, no Sítio Trindade, praticamente durante o mês de junho inteiro, todas as noites, os acordes das sanfonas, dos triângulos e das zabumbas, fazem dançar milhares de pessoas que prestigiam a extensa programação de shows com artistas locais e nacionais.

O Festival de Quadrilhas Juninas¹⁰ (Adultas e Infantis) é uma atração à parte. Milhares de jovens de diferentes localidades do Recife e Região Metropolitana apresentam espetáculos grandiosos, em que a criatividade dos grupos é o grande diferencial. Nesse período, o Sítio transforma-se: barracas com comidas típicas, parque de diversões, palhoção e até uma cidade cenográfica são montados, tentando reproduzir nos visitantes a sensação de uma cidade do interior. Uma réplica de arruado, com casas simples e coloridas, posto bancário,

de referência nas áreas de história e cultura popular no Recife. Possui um acervo documental valioso, composto por fotografias, vídeos, livros, revistas, fitas cassete, CDs, CD-ROMs, discos de vinil, adereços de agremiações e transcrições de entrevistas com pessoas ligadas à cultura popular. Além das exposições, o Centro promove cursos, seminários e oficinas gratuitamente, e diariamente atende a estudantes, universitários, pesquisadores, turistas e população em geral.

9] Este tipo de comemoração acontece no Recife desde os anos 1980, deixando de acontecer na década seguinte. Em 2005, por iniciativa da FEQUAJUPE (Federação de Quadrilhas Juninas de Pernambuco) em parceria com a Prefeitura do Recife, o evento volta às ruas, passando a integrar a programação oficial do São João da cidade.

10] Em 2007, o Festival de Quadrilhas Juninas do Recife, promovido pela Fundação de Cultura Cidade do Recife realizou as eliminatórias em 3 pólos diferentes espalhados pela cidade: Iburá, San Martin e Peixinhos; sendo a final do concurso realizada no Sítio Trindade.

delegacia, forrós pé-de-serra, igrejinhas, a casa da rezadeira, da parteira, da rendeira, entre outros personagens típicos do cotidiano interiorano presentes no nosso imaginário.

O público é sempre marcado pela variedade, prevalecendo, no entanto, as classes mais populares. Criança, adulto e idoso revivem em cada forró, quadrilha, personagens, gestos e narrativas, os costumes, os valores e a memória expressos nas nossas marcas culturais.

Espalhados pelos morros e subúrbios recifenses, centenas de arraiais são montados. Alguns são organizados pelas comunidades com o apoio da Prefeitura do Recife, outros, iniciativas apenas dos moradores. Familiares e amigos se reúnem, interditam ruas, fazem fogueiras, armam palhoças, enfeitam-nos com palhas de coco trançadas, bandeirinhas e balões; organizam concursos de quadrilhas e outras danças ligadas ao ciclo; montam barracas com comidas típicas diante das casas... Momentos de encontro e desencontros que reforçam os laços de amizade e compadrio; fazem surgir novos amigos e novos amores. Assim é o São João do Recife, rico e diverso; tradicional e contemporâneo; sagrado e profano.

É tempo de
Festas e Louvações





É tempo de festas e louvações

No Nordeste, o período de preparação para os festejos juninos está relacionado ao devocionário popular com as comemorações dos santos católicos, principalmente São José, Santo Antônio, São João e São Pedro, cujas histórias de vida e os seus milagres levam as pessoas a fazer promessas, novenas, procissões, e até mesmo festas em homenagem ao santo de sua devoção, como forma de agradecer a graça alcançada.

No Recife, as comemorações dos santos juninos se iniciam no mês de março, dia 19, com a procissão de São José. A partir de então, timidamente, começa o período de preparação dos festejos.

No mês de junho, ocorrem as Trezenas de Santo Antônio e no dia 13 tem lugar a Procissão dos Lírios. Nas noites que seguem, antes do dia 24, acontece o desfile das Bandeiras de São João e o Acorda Povo. Na passagem do dia 23 para o dia 24, celebra-se o dono da festa - São João.

As celebrações às divindades católicas da época se encerram-se no dia 29 de junho, dedicado a São Pedro. Nesse dia, devotos do santo realizam procissões (marítimas e terrestres). A Procissão dos Pescadores, que acontece há mais de 50 anos na Colônia Z-1, em Brasília Teimosa, é um exemplo da devoção do povo recifense. Nela, barcos partem para o mar com a imagem do santo em meio a cânticos e rezas. No trajeto acontece a benção dos anzóis, que são lançados ao mar, o que garante pesca abundante durante todo o ano.

Nesse mesmo período do ano, estende-se o olhar para as casas de culto afro-brasileiro e percebe-se que as festas juninas foram transfiguradas por uma releitura dentro da especificidade do processo histórico e do contexto sociocultural brasileiro em que a população afrodescendente encontra-se inserida. Essa releitura, que tinha com referência o ano litúrgico católico, produziu um novo modelo festivo. Assim, num ambiente de festa, centenas de terreiros promovem toques, com

fogueiras, alujás¹¹ e muito amalá¹² para homenagear Xangô¹³ – o orixá da justiça. Vestidos de vermelho e branco os fiéis saúdam o orixá gritando: Kauô cabiecile!¹⁴

As festas em homenagem às divindades do mês de junho transformam toda a cidade. Nas igrejas ou nos terreiros, centenas de pessoas com diferentes formas de crer e celebrar publicamente, aglutinam-se no mesmo espaço. Os fiéis se reúnem para enfeitar os espaços (sagrados e profanos), comprar flores, ornamentar os altares, os pejis; preparar comidas. Uma verdadeira manifestação de fé em que as devoções são intensamente vividas e traduzidas num profundo sentimento de apropriação e participação popular. Essa devoção é manifestada de diferentes formas, encontradas pelas pessoas para demonstrar o prazer em homenageá-las, encontrar alternativas para resolução dos males, realizar pedidos e retribuir bênçãos.

No Nordeste, especialmente no ciclo junino, algumas divindades (católicas ou afro-brasileiras) tiveram mais destaque que outras. Como não é possível estudar a respeito de todas, procurou-se conhecer um pouco mais detidamente sobre cinco delas: São José, Santo Antônio, São João, Xangô e São Pedro.

11] Toque sagrado, rápido, em homenagem a Xangô. Cfr. CACCIATORE, Olga Gudolle. Dicionário de cultos afro-brasileiros. Rio de Janeiro: Forense, 1977. p-46.

12] Comida votiva de Xangô, feita a base de quiabos e farinha de mandioca. Cfr. CACCIATORE, Olga Gudolle. Dicionário de cultos afro-brasileiros, p.47.

13] Neste texto vamos utilizar a terminologia Xangô para designar o orixá (ancestral divinizado, segundo a concepção africana). Em Pernambuco, o termo assume uma conotação polissêmica, pois tanto designa a religião dos orixás, como também significa o nome de um orixá, assim como o local onde ocorre o próprio culto, denominado de terreiro, no qual acontecem as festas litúrgicas chamadas de “toques”, que também recebem o similar de xangô.

14] Saudação a Xangô, que significa “permita-nos olhar para sua alteza real”. Cfr. CACCIATORE, Olga Gudolle. Dicionário de cultos afro-brasileiros, p. 162.



São José

Pobre e humilde, José era esposo de Maria, mãe de Jesus. Atencioso, aceitou e amparou Maria, quando ela lhe disse que estava grávida do Espírito Santo. Homem de extrema habilidade, arrumou a manjedoura que serviu de berço para Cristo quando nasceu, acolheu-o e o preparou para viver no mundo dos homens.

Patrono dos carpinteiros, é considerado o protetor da agricultura, da família, dos justos e dos trabalhadores. Segundo a crença popular, José traz bons companheiros e sólidos casamentos àqueles que o procuram. É comemorado no dia 19 de março com missas, procissões e novenas. Em algumas localidades, a ele é também dedicado o dia 1º de maio.

Em várias áreas da região rural, o dia de São José é reservado para o plantio do milho, colhido no mês de junho e transformado na matéria-prima da culinária junina. Por isso, as rezas e os pedidos a São José para que chova não podem parar.

“Ai, São João, São João do Carneirinho,

Tu é tão bonzinho,

Fala lá com São José?

Peça para ele me ajudar

Peça pra meu milho dá

Vinte espiga em cada pé.

Eu plantei meu milho todo

No dia de São José

Se me ajudar a providência

Vamos ter milho a granel...”

(Luiz Gonzaga e Guio Morais)

São José tornou-se padroeiro da Igreja Universal, a partir de 8 de dezembro de 1870. No Brasil, é padroeiro de 161 paróquias, ganhando para São Pedro que registra 58.

Em Pernambuco, é padroeiro da Zona da Mata: Água Preta, Amaraji, Carpina, Chã Grande, Rio Formoso, São José da Coroa Grande e Joaquim Nabuco; no Agreste: Angelim, Bezerros, Brejo da Madre de Deus, Capoeiras, Feira Nova, Frei Miguelinho, Lajedo, Surubim, Vertentes e Venturosa; no Sertão: Bodocó, Custódia, Dormentes, Ingazeira e São José do Egito; e na Região Metropolitana: Abreu e Lima¹⁵.

15] Informações obtidas, segundo XAVIER, Natália & Israel Júnior. Os múltiplos caminhos dos festejos juninos. Recife: Baraúna, 2005. p. 30.



Santo Antônio

Na historiografia de Portugal, Santo Antônio, provavelmente foi o primeiro nome com projeção nacional. Está relacionado a uma nação recém formada, mas já marcadamente cristã e de vocação expansivo-missionária Batizado inicialmente com o nome Fernando de Bulhões, nasceu em 15 de agosto de 1195, em Lisboa. Ainda jovem, com apenas 15 anos, inicia sua vida religiosa ao entrar para um seminário. Em 1220, trocou seu nome para Antônio ao ingressar na Ordem Franciscana. Era o início de uma história que viajaria por diversos continentes com o processo de colonização portuguesa.

O seu culto, associado ao da Virgem Maria, é difundido por todo o mundo através das ações missionárias e sincretizado com outras culturas (nomeadamente afro-brasileiras¹⁶ e indo-européias).

O dia dedicado ao Santo é o 13 de junho, data do seu falecimento, em 1231. Após um rápido processo de canonização – o mais rápido da história da Igreja – é elevado aos altares em 1232 pelo Papa Gregório IX.

Padroeiro dos pobres, conta-se que, certa vez, distribuiu todos os pães feitos nos fornos do mosteiro aos mendigos. Na hora da refeição dos frades, o balaio, que estava vazio, tornou a encher. Vem daí a tradição do pão de Santo Antônio, que é distribuído no dia 13 de junho e deve ser guardado dentro da lata de açúcar, farinha ou arroz na dispensa, para manter as mesas fartas.

A sua figura simpática, sempre disponível a devolver o perdido e a conceder o procurado a todos os que a ele recorrem, a sua popularidade está mesmo relacionada às graças que realiza envolvendo o amor e o casamento. Muitas moças solteiras para arranjar maridos fazem desesperadas crueldades com o Santo, tais como: tirar o menino Jesus do seu braço; virar o santo de cabeça para baixo; tirar-lhe o resplendor, colocando sobre a cabeça uma moeda colada com cera; atar o santo a uma corda e deitá-lo no poço, entre tantas outras.

16] Nas religiões afro-brasileiras, dependendo da nação, é sincretizado pelo orixá Ogum.

Entre as suas orações mais conhecidas, destaca-se o Responso de Santo Antônio:

Se milagres desejais, recorrei a Stº Antônio / Vereis fugir o demônio e as tentações infernais / Recupera-se o perdido / Rompe-se a dura prisão, e no auge do furacão cede o mar embravecido / Pela sua intercessão, foge a peste, o erro, a morte / O fraco torna-se forte, e torna-se o enfermo são/ Todos os males humanos se moderam, se retiram / Digam-no aqueles que o viram, e digam-nos os paduanos / Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Repete-se: Recupera-se o perdido...

V. Rogai por nós, bem-aventurado Antônio.

R- Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.¹⁷

17] Revista Presenças de Santo Antônio. Responso de Santo Antônio. Portugal. p-7



São João

A data de seu nascimento é 24 de junho. Filho de Isabel, esposa de Zacarias e prima de Maria, mãe de Jesus. Segundo a tradição, por milagre de Deus, Isabel e Zacarias geraram um filho, quando, pela idade que tinham, já nem pensavam mais que isso pudesse acontecer. Para a Igreja Católica, a vinda desse filho teve um significado maior, o de preparar a vinda de Cristo. João, como foi chamado, não só anunciou e preparou a vinda do Messias, mas o batizou nas águas do rio Jordão. O nome Batista vem daí.

São João é representado de duas maneiras: um homem adulto, barbudo, vestido com peles; e o menino, o São João do carneirinho, com rosto angelical, de cabelos encaracolados, carregando uma cruz, imagem que é reproduzida nas Bandeiras de São João.

A tradição das fogueiras acesas às portas das casas na véspera do dia do santo, em 23 de junho, relembra a fogueira que Isabel mandou acender para avisar Maria do nascimento do seu filho, pois Isabel e Zacarias moravam nas montanhas, e esse seria o sinal para comunicar o acontecido. “Mandarei plantar nesta montanha um mastro e acender uma fogueira”.

É o mais importante dos homenageados nas festas de junho, também conhecidas como festas Joaninas. Esse Santo é o responsável pelo título de santo festeiro, por isso, na véspera e no dia do seu nascimento, as festas são repletas de muita dança, música e saborosas comidas. No Nordeste do país, existem muitas festas em homenagem a São João, que também é conhecido como protetor dos enfermos, principalmente no que refere a dores de cabeça e de garganta.



Xangô

Filho de Oranian e Torosi, Xangô foi consagrado o quarto rei de Oyó - capital Ioruba – Nigéria / África. É conhecido como *Alálàfín Óyó*, termo que quer dizer “senhor do palácio”. É um dos orixás mais populares, e em Pernambuco tem seu nome associado à religião dos orixás.

Com muitas histórias interessantes, Xangô possuiu três esposas: Oxum, Obá e Oyá, mulheres bonitas, espertas e guerreiras. Representante da realeza e da justiça, é simbolizado pelo raio, pelo trovão e pelo fogo, este último representando a sua força e o seu poder.

Quando se apresenta, carrega o oxê, machado de duas lâminas, uma coroa, braceletes, pulseiras largas e uma pequena bolsa de couro, que carrega atravessada ao peito.

Entre suas cores preferidas estão o branco e o vermelho, podendo usar o marrom lembrando a cor da terra (seu principal elemento). Os apetrechos que compõem a imagem de Xangô geralmente são feitos de madeira: por exemplo, o trono, que é um pilão usado emborcado para suportar o seu peso; a gamela (travessa), usada para colocar o *amalá*, sua comida preferida, feita à base de quiabo e camarão seco.

Durante as festas em sua homenagem (de 23 para 24 de junho), é agraciado com muita comida e muita música. Seu toque é o *alujá*, em que demonstra toda sua força e energia. O *ajeré* é uma das suas principais cerimônias, em que seus iniciados dançam com uma gamela na cabeça, dentro da qual queima um fogo vivo. .

Sua saudação é *kauô cabiecile*, que quer dizer “permita-nos olhar para sua alteza real”.



São Pedro

O encerramento das comemorações juninas ocorre no dia 29 de junho¹⁸, dedicado a São Pedro. Um dos doze apóstolos de Jesus, Pedro é o guardião das chaves do céu; protetor dos lares e popularmente conhecido como responsável pelas chuvas. Por ter sido pescador, quando em vida, São Pedro é padroeiro dos pescadores, e protetor das viúvas, por também ter sido viúvo.

Pela sua incontestável liderança na vida cristã, São Pedro foi o primeiro Papa da Igreja Católica, nomeado chefe da Igreja pelo próprio Cristo, que em uma de suas aparições entrega a ele a missão de pastor de seu rebanho. Segundo a tradição cristã atesta, Pedro foi preso inúmeras vezes, e no ano de 64 foi condenado à morte¹⁹.

Em Pernambuco é padroeiro das cidades de Goiana, Itapetim e Tamandaré. Com Santo Antônio e São João, São Pedro forma o trio de santos de junho popularmente festejados.

No Recife, em seu dia, os devotos realizam procissões (marítimas e terrestres). Em meio a cânticos e rezas, pedem graças e louvores ao santo, responsável por garantir pesca abundante durante todo o ano.

18] Neste dia também se celebra São Paulo, um dos grandes pregadores da doutrina cristã. Em suas viagens, evangelizou pessoas pelo mundo; imortalizando-se nas sagradas escrituras (algumas cartas) que compõem o Novo Testamento. Fiel ao seu ministério até a morte, sofreu muitas perseguições e prisões. Morreu no dia 29 de junho, decapitado por uma espada. Em Pernambuco é padroeiro de apenas uma cidade – Iati, segundo XAVIER, Natalícia & Israel Júnior. Os múltiplos caminhos dos festejos juninos. Op. Cit. p-39.

19] De acordo com a narrativa evangélica, Pedro ao ser crucificado, pediu aos carrascos que o posicionassem de cabeça para baixo, pois não era digno de morrer como Jesus. Esse foi seu último gesto de humildade e fé.

Para louvar
o vermelho e o branco





NOSSA SÃO JOÃO
ARRAIAL

Para louvar o vermelho e o branco. Viva São João / Xangô Menino!

A Bandeira de São João é uma das procissões dançantes mais antigas do Brasil. Organizada pela Igreja Católica, a Bandeira de São João saía nas primeiras horas após o acender das fogueiras, com uma estrela grande, confeccionada com arame, papel ou plástico colorido, puxando o cortejo, o andor e a bandeira do Santo com a imagem dele ainda criança, que percorria os vilarejos ao som de pequenos grupos musicais. A integração dos escravos africanos ao cortejo proporcionou a introdução de alguns instrumentos de percussão; ocasião em que muitos negros aproveitam para louvar o orixá Xangô.

O ritual terminava quando entregavam a imagem de São João na igreja da comunidade. Com o tempo, em razão do grande agito (danças e cantos no interior dos templos), a Igreja Católica proibiu a entrega da imagem no seu interior.

Essa atitude acabou por dividir o folguedo em duas manifestações: uma religiosa e outra profana. A Bandeira de São João tornou-se uma procissão com rezas e cânticos em louvor ao santo. A festa profana foi chamada de Acorda Povo, e saía durante a madrugada com um grupo de cantadores e batuqueiros acordando os moradores da cidade para participar da comemoração, regada a muita bebida e comida típica.

No Recife, cerca de seis bairros (Bairro do Recife, Água Fria, Casa Amarela, Torrões, Várzea e Brasília Teimosa) ainda mantém viva esta tradição. Com o crescimento da violência, os organizadores do Acordo Povo decidiram acabar com a saída do cortejo pela madrugada, e retornar o formato tradicional junto com a Bandeira de São João, com exceção da comunidade de Água Fria, que continua saindo à meia-noite.

Antes da saída, na casa do organizador (toda enfeitada com bandeirolas, balões e fogueira), o cortejo realiza orações, pede bênçãos e louva o santo diante da casa-capela. Dá vivas e geralmente solta

muitos fogos de artifícios. Muitas pessoas se vestem com as cores do santo ou orixá de sua devoção, o vermelho e o branco, e saem pelas ruas cantando e dançando alegremente:

*“Acorda povo
que o galo cantou
é São João
que anunciou.
Que bandeira é essa
que vamos levar
É de São João
para festejar”.*
(Domínio público)

Vamos lá gente,
arrasta pé nesse salão!





Coco

Dança popular nordestina. É canto-dança típico das regiões do agreste e sertão e nas antigas áreas de cana-de-açúcar. Possivelmente, durante o século XVI, o coco começou a se estruturar, oriundo das danças de umbigadas²⁰ dos batuques africanos. Nas últimas décadas do século XX, a manifestação ganha espaço nas áreas urbanas das regiões litorâneas.

De modo geral, pesquisadores e folcloristas dividem opiniões em relação às “origens” de estruturação dessa manifestação apresentada nos dias de hoje. Porém, é consenso entre os estudiosos, a idéia de que o coco advém das experiências trocadas entre africanos e indígenas. A princípio, possivelmente, organizou-se nos engenhos e nas festividades dos escravizados, na qual os batuques se faziam presentes.

Segundo Câmara Cascudo, provavelmente o coco surgiu dos batuques do século XVI. Em seguida, os homens e as mulheres na condição de escravos, que trabalhavam na atividade “coqueira”, os “quebradores de coco”, deram início ao folguedo. Enquanto trabalhavam tiravam versos e rimas sobre o seu cotidiano. Desse modo, ficou a idéia de que o coco como música é algo historicamente construído depois da dança (a umbigada).

Entre os povos indígenas não se constatou movimentos com umbigadas em suas danças. No entanto, em algumas batidas de pés, sapateados que compõem as evoluções coreográficas do coco, como no *tropel* ou *tropé*, é possível perceber as influências do toré indígena.

A música começa com o coquista (ou tirador de coco) que puxa os versos, respondidos em seguida pelo coro. A forma é de estrofe-refrão, em compassos 2/4 ou 4/4. Os instrumentos mais utilizados são os de percussão: ganzá, bombos, zabumbas, caracaxás, pandeiros e cuícas. Nas áreas urbanas do litoral, em decorrência das influências

20] Costume africano usado para convidar os participantes a entrar no centro das danças de roda.

do maracatu de baque virado, a alfaia foi introduzida ao instrumental do coco. Por vezes, as palmas ritmadas dos seus participantes acompanhadas dos versos cantados do tirador de coco já são suficientes para formar uma roda festiva.

Há uma variedade de estilos cantados e dançados: o *coco zambê*, o *agalopado*, o *catolé*, o *bingolé*; o *coco praieiro*; o *coco de roda*, este caracterizado pela formação da dança em círculo; o coco de umbigada, caracterizado também pela dança de umbigada entre os pares; o coco de tropel, caracterizado pelo sapateado. O coco de embolada, por sua vez, carrega em sua identidade versos curtos, com cadência acelerada, textos satíricos (quase sempre improvisados, em clima de desafio) configurados com a preocupação de não perder a rima.

Diversos nomes da música popular brasileira ficaram consagrados como intérpretes do gênero. O paraibano Jackson do Pandeiro, um dos mais célebres divulgadores do coco, iniciou sua vida artística acompanhando a mãe nos cocos, tocando zabumba. Sua carreira fonográfica começou em 1953, no Recife, com o coco Sebastiana, o primeiro de muitos que viria a gravar.

Alguns anos depois, nomes como Bezerra da Silva, Genival Lacerda, Gal Costa, Gilberto Gil e Alceu Valença também se valeram do gênero. Na década de 1990, no Recife, o movimento mangue beat, através dos grupos Chico Science & Nação Zumbi e Cascabulho, inspirados em Jackson do Padeiro, redescobriu o ritmo e deu visibilidade a artistas como Selma do Coco e Zé Neguinho do Coco.

No sertão pernambucano, no município de Arcoverde, o grupo Raízes de Arcoverde vem divulgando o coco do sertão. Segundo “Biu Neguinho”, um dos integrantes do grupo, o ritmo que eles tocam surgiu nas décadas de 1940-50, “quando os sertanejos iam construir suas casas de taipa” (casas feitas com barro massapé e armação de madeira). Nesta ocasião, “o dono da casa chamava os amigos para cantar e dançar a noite toda sobre o barro, com o objetivo de assentar o chão”. As sambadas de coco do Raízes de Arcoverde são caracterizadas pelo sapateado com os tamancos, espécie de calçado típico do dançarino, que se agrega também ao seu instrumental.

Apesar de ser dançado em qualquer época do ano, o coco se faz fortemente presente durante o ciclo junino, integrando a programação da festa nas principais capitais das regiões Norte e Nordeste do país. No Recife, vários grupos, como o Raízes de Arcoverde, Selma do Coco, Grupo Bongar, entre outros, realizam apresentações em vários locais da cidade e também no interior do Estado. O Bongar é merecedor de atenção especial, pois divulga um estilo próprio de tocar o gênero, que ficou conhecido como coco do Xambá. Segundo Guitinho, vocalista e líder do grupo, a identidade musical do grupo se dá através da tradição - religião (afro-brasileira) - a qual os integrantes do grupo pertencem. Outra característica está no rufado da alfaia, que ao ser tocada, nas duas peles, emite o som de um trovão.²¹

21] COSTA, Valéria Gomes (org.). Apostila Ritmos e Percussões do Nordeste do Brasil (Pernambuco) - AFDAS – Corpus Percussivos. Recife: janeiro, 2008. p-26



Ciranda

“Cirandar é peneirar, joeirar, passar pela ciranda, que é peneira grossa com que se joeiram grãos de areia (...)”.

Etmologicamente, a palavra “ciranda” foi alvo de muitas interpretações por pesquisadores. Ao que parece, provém da Espanha, originado de *zaranda* (instrumento para peneirar farinha), que evoluiu da palavra árabe *çarand*.

Sua origem é portuguesa, que consistia numa dança de roda infantil. No Brasil, é dançada por pessoas de todas as idades, podendo ser encontrada tanto no litoral como na Zona da Mata Norte. As suas cantigas são resultados de muitas influências (lusitana, espanhola, francesa, ameríndia e africana).

No princípio, as apresentações ocorriam em locais populares como praias, terrenos de bodegas e armazéns, pontas de rua, e seus participantes eram basicamente trabalhadores rurais, pescadores, operários de construção, biscateiros, entre outros. Trata-se de uma dança simples e comunitária, de caráter espontâneo e que não exige nenhuma faixa etária, parâmetros cenográficos e vestimentas especiais.

Tradicionalmente, no centro da roda posiciona-se o mestre, o contramestre e os músicos. O instrumental da ciranda é composto por ganzá, bombo e caixa, porém, alguns grupos podem utilizar triângulo, pandeiro, sanfona e metais (instrumentos de sopro). Com a ajuda de um apito que carrega pendurado no pescoço, o(a) mestre(a) cirandeiro(a) inicia os versos, marcados quase sempre pelo improviso.

Os passos da dança não são definitivos: a onda, o sacudidinho, o machucadinho, entre outros que surgem com a criatividade do povo. As pessoas vão chegando e tomando as mãos dos que estão na roda, seguindo assim o bailado circular, ritmado pela batida percussiva, fazendo passos para dentro e para fora, semelhantes às ondas do mar. É realizada geralmente à noite e a céu aberto, quase sempre às sextas-

feiras, aos sábados e aos domingos de verão e em outras épocas do ano quando as chuvas permitem.

No Recife, dança-se ciranda o ano inteiro. Na Casa da Cultura, no Marco Zero, na Praça do Arsenal, no Pátio de São Pedro e nas centenas de polinhos espalhados pela cidade durante o ciclo junino é comum encontrar rodas de ciranda.



Xaxado

Oriundo do sertão de Pernambuco, o xaxado surgiu como uma dança exclusivamente masculina, que remonta aos anos 1920-30. O seu maior divulgador foi Virgulino Ferreira da Silva – o Lampião, constituído no imaginário popular como “herói do sertão nordestino”, por criar estratégias de luta contra a política dos antigos coronéis da região.

Lampião e seus companheiros de bando propagaram o xaxado pelos sertões de Pernambuco até as regiões de caatingas na Bahia. Seus integrantes se vestem como cangaceiros com chapéus, alpercatas e cartucheiras de couro, cabaças e lenço vermelho no pescoço. Em alguns grupos, os homens carregam um rifle - espécie de arma de fogo.

Os grupos apresentam coreografias que podem ser executadas em círculo, fila indiana sem volteio, avançando o pé direito em três ou quatro movimentos laterais, puxando o esquerdo num rápido e deslizado sapateado. Esse movimento emita um som, o xa-xa-xa das alpercartas arrastadas no chão. Essa onomatopéia do rumor xa-xa-xa deu origem também ao gênero musical. Com a participação das mulheres, passa a ser dançado também em pares.

As letras do gênero são contundentes, belicosas e satíricas. Inicialmente sua melodia vinha do som dos bacamartes batidos no chão e do chiado das alpercatas. Nos anos 1946-56, o xaxado foi difundido nas rádios cariocas. Luiz Gonzaga foi o responsável pela sua difusão no que diz respeito à musicalidade e pela introdução da zabumba, do pífano, do triângulo e da sanfona, ao acompanhamento musical.

Nesse mesmo período (anos 1950), no Recife, o ritmista Arnaldo Francisco da Neves, o popular Coruja²², inspira-se no xaxado e cria o grupo *Coruja e seus Tangarás*.

22] Arnaldo Francisco das Neves nasceu na Paraíba em 27/10/1927 e faleceu no Recife, em 1994. O apelido é oriundo dos tempos em que era camelô pelas ruas do Recife. Negociava seus produtos levando consigo uma coruja. Curiosidade usada para atrair fregueses e animar as vendas.

Entre as décadas de 1960-1980, Coruja e seus Tangarás passa a ser indispensável nos eventos oficiais e privados na cidade. Um espetáculo de originalidade e criatividade, que revive o xaxado, o cangaço e divulga os valores nordestinos.

Durante a sua trajetória, cria novos passos como a “dança do fuzil” e a “dança da zabumba”, além de gravar dois discos com inúmeros sucessos: *Gosto de Forró*, *Sertão da Cajazeira*, *Forró Gostoso*, *No Brilho do seu Olhar*, *Saudade de Caruaru*, *O Canto dos Tangarás*, *Ciscadinho*, *O segredo do Xaxado*, *Arrasta-pé no arraial*, entre outros.



Forró

A palavra Forró possui vários significados. Para pesquisadores do gênero, segundo o folclorista Câmara Cascudo, “seria uma corruptela da palavra forrobodó; expressão utilizada pelos sertanejos para designar as festas realizadas nos espaços de chão de terra batido, com muita dança e música”.

Em outras versões, o forró seria uma reelaboração popular da expressão inglesa *for all* (para todos), escrita nas placas das portas dos bailes promovidos pelos operários britânicos da ferrovia Great Western, estabelecidos em Pernambuco nos anos 1930-40. Essa mesma versão substituiu os ingleses pelos americanos, e Pernambuco do início do século XX por Natal, capital do Rio Grande do Norte, no período da Segunda Guerra Mundial, quando uma base militar dos Estados Unidos foi instalada na cidade.

Segundo a historiadora Valéria Gomes Costa²³, apesar de jocosa a versão, não há sustentação para a origem anglicista do termo, uma vez que em 1937, cinco anos antes da instalação da referida base, a palavra forró já se encontrava registrada na história musical em gravação fonográfica de Forró na roça, composta pelos autores Manoel Queiroz e Xerém.

Vale ressaltar: o que hoje se conhece como forró é na verdade um misto de gêneros musicais cujas influências remontam ao passado colonizador do Brasil, como as canções de violeiros, as danças lusitanas e o baião ou bailão, introduzidos na colônia pelos portugueses.

Em Portugal se observa a expressão *balho* para anunciar baile ou danças. Daí os nossos bailes populares ou forrobodós. Na atualidade, o forró seria uma mistura de vários ritmos como baião, xote, rojão, xaxado e coco.

23] COSTA, Valéria Gomes (org.). Apostila Ritmos e Percussões do Nordeste do Brasil (Pernambuco) - AFDAS – Corpus Percussivos. Recife: janeiro, 2008. p-29

O baião, segundo Câmara Cascudo, surgiu nos sertões da Paraíba, no Ceará, no Rio Grande do Norte e em Pernambuco, nas primeiras décadas do século XX. São diversas e múltiplas as vertentes musicais qualificadas como baião ou baiano. No entanto é a partir dos anos 1940, que esse gênero musical ganha visibilidade, por meio do trabalho de Luiz Gonzaga. Nesse período, o maestro César Guerra Peixe, destacou os ritmos melódicos do baião: semicolcheia, colcheia, semínima e mínima prolongada em compasso de dois por quatro. Sobre sua origem, Guerra Peixe declarou que sendo dança ou música – cantada ou instrumental – são diversos os aspectos do gênero, sendo complexa a tarefa de mapear seus caracteres mais acentuados, isso devido à escassez de fontes populares que possibilitassem apurar a pesquisa musical.²⁴

O xote, outro gênero musical que faz parte do forró, chegou ao Brasil em meados do século XIX, como moda importada da Alemanha. Inicialmente restrito às famílias nobres como dança típica dos bailes aristocráticos, somente é incorporado às festas populares urbanas, nas últimas décadas do Oitocentos. Originalmente conhecido com o nome de schottische, depois chótis e finalmente xote.

Deve-se a Luiz Gonzaga, Zé Dantas e Humberto Teixeira, entre outros nomes, a divulgação nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, nas rádios e indústria fonográfica. *Cintura fina*, *Casa de reboco*, *Xote das meninas* e *Asa branca* são alguns dos sucessos que se transformaram em hinos do sertão nordestino.

O forró é composto por uma orquestra com zabumba, sanfona e triângulo, chamada de terno, e pandeiro que acompanha o cantador. Essa formação, vista como tradicional, também pode acrescentar o agogô ao seu instrumental. Nos anos 1990, o gênero ganhou uma roupagem mais moderna com a introdução da bateria, da guitarra, do baixo e de outros equipamentos eletrônicos, ficando conhecido como *forró universitário* ou *forró eletrônico*, visto que o estilo nordestino de música estava sendo redescoberto por jovens de classe média, na sua maioria, universitária.

24] COSTA, Valéria Gomes (org.) p -30



Quadrilha junina

As danças campestres da Normandia e da Inglaterra, no século XVIII, foram o grande berço das quadrilhas juninas.²⁵ No século XIX, dos salões nobres das cortes francesas, a dança espalhou-se por todo o continente europeu, chegando ao Brasil com os portugueses ainda com características aristocráticas.

No Brasil, os grupos da elite imperial, mantém vivo o costume da dança que se populariza no período Regencial, ao comando de grandes mestres do gênero, como Milliet e Cavalier, que tocavam as músicas de Musard, o “pai das quadrilhas”, e Tolbecque.²⁶

Num dinâmico processo de apropriações e ressignificações inerente às expressões culturais, a quadrilha foi se configurando com características bastante especiais. Retorna ao campo, fazendo parte dos festejos populares, geralmente ligados às celebrações do período junino.

O processo migratório campo-cidade traz a quadrilha “matuta” para os centros urbanos, e transporta a idéia de uma dança de origem caipira, com a figura do matuto com chapéu de palha, camisa xadrez, bigode, dente pintado de preto e calça remendada, e as mulheres com vestidos estampados, alguns remendados e cabelos arrumados em formato de tranças. Personagens exóticos, que reforçam os preconceitos e estereótipos sobre a vida rural, numa caracterização exagerada.²⁷

Essa forma caricatural de ver a quadrilha esbarra com a dinâmica do tempo histórico e com o contexto sociocultural do Nordeste, particularmente do Recife, que apresenta um novo modelo para o brinquedo, modificado esteticamente e no próprio conteúdo da manifestação.

25] O termo quadrilha origina-se de *quadrille*, em voga na França desde o início do século XIX utilizado para designar o conjunto de danças palacianas, que abria os bailes da corte em qualquer país europeu.

26] CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 10. ed. São Paulo: Global, 2001. p- 548

27] GONZAGA, Lula. Quadrilha. In: PESSOA, Sílvio (org). Ciclo Junino. Recife, Secretaria de Educação de Pernambuco, 1987. p- 62.

Segundo o historiador Hugo Menezes, a partir dos anos 1980, o Recife vivencia um período marcado pelas continuidades e mudanças. “É a época em que saem às ruas as primeiras quadrilhas estilizadas²⁸. Quadrilhas diferentes que aos poucos abandonam a representação caricatural recorrendo a uma releitura das vestes comuns à época da corte, preocupando-se sempre com a junção de elementos representativos da cultura nordestina. A musicalidade incorpora novos ritmos, algumas vezes fugindo do gênero forró; as coreografias passam a ser ensaiadas e executadas de acordo com a música, não dependendo mais das ordens do marcador. Foi um momento laboratorial, de permissão para experimentar cores, músicas, formas e ações, exercitar a criatividade e expor a dinamicidade das culturas populares, com várias formas de ser e fazer.”²⁹

Na década de 1990, continua Menezes, é a vez de o recriado³⁰ vir à tona como uma nova proposta. Foi um período de mudanças significativas para a montagem das quadrilhas que passam gradativamente a buscar nas pesquisas sobre o imaginário nordestino e mais especificamente do ciclo junino, a base para a montagem do espetáculo. Todos os elementos apresentados passam a relacionar-se com um tema previamente escolhido e pesquisado.

A preparação de uma quadrilha se transforma num verdadeiro ritual, renovado anualmente com a criação de um novo tema e um novo São João.

Com o novo tema escolhido, as idéias se expressam em sons, cores, ritmos, figurinos, adereços e infinitos tecidos e variados materiais, relações heterogêneas que se sucedem e culminam numa ação maior.

28] No sentido de dar estilo próprio. A primeira quadrilha foi “Pelo Avesso”, do bairro do Iburá, em 1982.

29] MENEZES NETO, Hugo. Quadrilha junina: uma abordagem antropológica. (Texto apresentado no II Seminário de Quadrilhas Juninas) Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007. Mimeo

30] Em 1992 um grupo de dança da cidade chamado Balé Deveras resolveu montar um espetáculo para o teatro “Bandeira de São João” de Ronaldo Correia de Brito. O espetáculo foi para as ruas como uma quadrilha participando do circuito de concursos. Nesse momento mudou-se a concepção estética sobre quadrilhas.

São meses de trabalho constante. Extrema dedicação. O esforço conjunto é a principal característica dos momentos de encontro, seja para ensaiar as coreografias, comprar tecidos, cortar, bordar, pintar os adereços, captar recursos etc. Um verdadeiro espaço de sociabilidade.

Segundo Hugo Menezes, os quadrilheiros estabelecem entre si uma rede de relações sociais próprias, viabilizada e reforçada pelos encontros sistemáticos, os ensaios. Sejam nas escolas públicas, nas quadras de agremiações carnavalescas, nas associações comunitárias ou na própria sede, os ensaios constituem pontos de encontro e de diferenciação dos grupos, fortalecendo o vínculo entre os participantes. É o lugar onde comungam símbolos, valores e experiências, conhecem e reconhecem pessoas, utilizam vocabulário, datas e eventos particulares, fazem amigos e até namoram. Ainda organizam-se internamente, estabelecem funções e hierarquias, distribuem direitos e deveres e interagem, na medida do possível, com a comunidade.

Cada grupo possui a sua própria identidade, que se traduz no formato do figurino, no estilo das coreografias, nas cores utilizadas, na atuação do marcador, entre outros aspectos que levados para os arraiais os referendam historicamente e os legitimam. É assim com a Origem Nordestina, Lumiar, Raio de Sol, Traque de Massa, Zabumba, Raízes do Pinho, Olodum Mirim, Brincant's Show, entre tantos outros grupos do Recife e Região Metropolitana.

Diante desse contexto, percebe-se que vivenciar uma quadrilha junina extrapola o simples dançar. Significa dividir os mesmos sentimentos, sejam eles de angústia, aflição, alegria, tristeza. É, no dizer de alguns quadrilheiros, “uma doença praticamente incurável. Um amor que um olhar menos sensível e pouco atento pode não encontrar ao reduzir a manifestação popular a cânones estéticos, limitando-se apenas a classificar em bom ou ruim, bonito ou feio”.³¹

31] MENEZES NETO, Hugo. *Op. cit.* p. 2.

Os sabores da Festa





Os Sabores da Festa: uma culinária que extrapola a alimentação e incorpora tradições e rituais.

Cheiros, sabores, saberes. Partindo do pressuposto de que culinária e ser humano mantêm íntima relação desde os primórdios, acredita-se que os alimentos estão visceralmente ligados a cultos religiosos, a festividades, a implicações mágicas, a simbologias, a tabus e superstições. A finalidade não é só a alimentação, é, sobretudo, a recorrência a tradições e rituais.

O ciclo junino apresenta uma culinária com características bem típicas, e se espalha por todo o país com intensidades diferentes. No Nordeste, coincide a culminância da colheita do milho, plantado três meses antes, nos festejos de São José. Portanto, o cardápio das festas juninas não pode passar sem o cereal, consumido em múltiplas apresentações: assado, cozido na água e sal, sob a forma de bolo, de canjica, de pamonha.

Nativo do continente americano, o milho foi alimento básico dos astecas, incas e maias. Seu registro remonta a 7 mil anos, quando retratado em velhas pinturas cusquenhas, no templo do Sol (Coricancha) e até mesmo num túmulo de uma divindade da agricultura – Sechura – que aparece segurando haste de milho, imitando um cetro. O cereal também esteve presente nos relatos da primeira expedição de Colombo, em 1492: “sua espiga era semelhante, na aparência, ao sorgo que conhecemos na África, na Índia e na China; mas seu gosto é muito melhor”.

Ao chegar à Europa, o milho foi levado para o norte da África, para o Oriente Médio e, só depois, para o resto da Europa. Nessa caminhada foi ganhando nomes como: *maiz*, na Espanha; *roums*, na Turquia; *Indian corn* na Inglaterra. Por toda parte era, sobretudo, alimento para matar a fome. Na Itália, passou a ser usado na polenta – receita que remonta ao pulmentum romano, um alimento para gente humilde. Em Portugal, é o mantimento mais ordinário para gente vulgar, assim

escreveu Severim de Faria. No litoral brasileiro, cultivado pelos tupis para fazer mingaus e principalmente o *abaati*³², a cultura do milho não obteve tanta importância como a mandioca.

Segundo Soares de Souza, mesmo depois da chegada dos colonizadores, o milho foi apenas alimento de animal e de escravo. “Plantam os portugueses este milho para matança dos cavalos, e criação das galinhas e cabras, ovelhas e porcos; e aos negros da Guiné...”

Entretanto, a população africana proveniente de diferentes culturas e civilizações, trouxeram em suas bagagens e memórias coletivas elementos representativos dessas culturas, assim como formas e mecanismos elaborados de resistir, de enfrentar novos desafios.

Um baú de recordações acumuladas entre gerações. O dinamismo cultural e a oralidade foram os veículos de transmissão dos conhecimentos que levaram milhares de africanos e seus descendentes a transformar receitas cotidianas e o cardápio votivo, adaptando os procedimentos artesanais do cozinhar, os ingredientes e os temperos, de acordo com a nova realidade.

Assim, foram criando novos jeitos de preparar o milho, atribuindo-lhe novas funções. Juntaram os ingredientes que lhes eram permitido usar – açúcar mascavo, leite de coco, mandioca. Da fusão de experiências indígenas, africanas e européias acabou se formando uma culinária de São João. Assim, foram surgindo pamonhas, canjica, angu, mungunzá, bolos, cuscuz etc.

Certos ingredientes são indispensáveis para uma melhor caracterização desses pratos regionais. Não é a utilização pura e simples que os caracteriza, mas a dosagem dos ingredientes, a combinação deles, a maneira de preparar, em que circunstâncias consumir. Às vezes, pequenos detalhes fazem a diferença; pitadas de canela em pó nos pratos de canjica, por exemplo, dão um sabor especial à iguaria.

32] Espécie de bebida, muito apreciada, em que caroços de milho cozido são mastigados por mulheres e colocados n'água para ferver e fermentar. Cf. CAVALCANTI, Maria Letícia. Comida de Milho. Revista Continente Multicultural. Ano III, Nº 30, junho / 2003. p-58-60.

Nas casas religiosas afro-brasileiras, o milho também é utilizado no preparo de muitos alimentos que são oferecidos aos deuses: *aberém, acaçá, ado, amalá de Nanã, angu, amió, bengué, ebó de Iemanjá, milho de Oyá, milho de Oxumaré, milho de Logun Edé, mungunzá Tizana, ocoxó*, entre outros pratos votivos que são oferecidos às divindades na intenção de satisfazer os seus desejos, agradecer pela vida, fazer pedidos e contribuir para o aumento dos elos mágicos entre elas e os fiéis. Assim, as comidas à base de milho, dendê, papas, camarões secos, gengibres, mel desempenham ações socializantes, mantêm a união do grupo, asseguram a continuidade dos valores e dos preceitos religiosos.

Entretanto, o *menu* de São João não se restringe ao milho. O pé-de-moleque feito com castanhas e cravo-da-índia torrado e moído, o bolo de macaxeira, o bolo de mandioca, são iguarias que comprovam isso.

No Recife, muitas dessas guloseimas são vendidas nas ruas e feiras, em barracas nas frentes das casas, nos mercados públicos, entregues em domicílio e ainda em bares e restaurantes regionais; não só no período junino, mas durante todo o ano.

A Força do Simbólico





A Força do Simbólico: as práticas milenares das simpatias e adivinhas

Em geral, as festas juninas são carregadas de práticas simbólicas, entre as quais se destacam as simpatias e as adivinhas. Tradições culturais milenares, com forte influência da medicina mágica, as simpatias e adivinhas, realizadas entre nós na época do São João, encontram equivalentes nas modalidades dos diversos oráculos da Antiguidade, conforme nos relata o folclorista Luís da Câmara Cascudo, em sua obra *Anúbis e outros ensaios*.

Tal afirmação reforça o pensamento do pesquisador Roberto Benjamin, quando analisa os rituais e processos mágicos do período pagão, absorvidos e transformados pelo catolicismo popular³³. Assim, a adivinha com papelotes colocados numa vasilha com água procede do oráculo dos deuses Pálides, que se realizava num lago de água sulfurosa, na Sicília; em Roma, séculos antes de Cristo, as pessoas, para consultar sobre o futuro, colocavam a clara do ovo sobre a água de uma vasilha; e o mau-agouro de não ver a figura refletida na água parada era também uma prática dos gregos romanos relacionada com o tabu do reflexo de Narciso.

Para Ruth Guimarães³⁴, o ritual da simpatia mobiliza forças e poderes ocultos para satisfazer nossos desejos. Ela consiste num conjunto de atos e palavras preestabelecidas, repetidas sem qualquer alteração, a não ser o nome do interessado(a).

Mantido pela oralidade, esse ritual deve ser seguido sem restrições, obedecendo determinadas regras para se atingir o objetivo esperado. Uma das regras principais é a de que todos os utensílios a serem empregados na simpatia devem ser virgens, ou seja, nunca terem sido usados. É assim com a faca que se enfia na bananeira; com a bacia,

33] BENJAMIN, Roberto. Festejos Juninos: origens. Revista Continente Documento. Ano I, nº 10 / 2003. p-30-31.

34] GUIMARÃES, Ruth. Medicina Mágica: as Simpatias. São Paulo: Global, 1986.

o prato, o copo, a agulha ou qualquer outro objeto, que irá assumir uma conotação mágica.

Nas festas juninas, há um vasto repertório de simpatias e adivinhas que vem se repetindo ao longo dos tempos, embora sejam inúmeras as variações e as formas de praticá-las. Independentemente da finalidade de tais práticas, o fator determinante para a obtenção do sucesso, é acreditar no resultado positivo.

Algumas adivinhações e simpatias comumente realizadas no período junino³⁵

- Na véspera do dia de Santo Antônio, à meia-noite, pegue uma faca que nunca foi usada e enfie no tronco de uma bananeira. No outro dia, cedinho, retire a faca. Nela deve aparecer a letra inicial do nome do seu amor.

- Também na véspera de Santo Antônio, à meia-noite, coloque água em uma bacia e acenda uma vela. Reze uma “Salve Rainha” até a frase “mostrai-nos”. Vá deixando os pingos da vela cair na água. Os pingos devem se unir e formar a letra inicial da pessoa que será o (a) dono(a) de seu coração.

- Jogue uma moeda na fogueira de São João. No dia seguinte, dê a moeda ao primeiro pedinte que aparecer. O nome do pedinte será o nome do futuro marido ou esposa;

- Na noite de São João, leve até a fogueira uma bacia com água. Em seguida reze uma Ave-Maria. Ao fazer isso, aparecerá na água a sombra da pessoa com a qual se consumará o casamento;

- Coloque um pouco de água na boca e fique atrás da porta. Ao ouvir o primeiro nome, engole-se a água. Este será o nome da pessoa com quem se casará;

- Na noite da véspera de São João, faça um pirão com um pouco de farinha, acrescentando um caroço de milho; com os olhos fechados, divida o pirão em três porções e coloque uma delas na porta da rua,

35] Material coletado em pesquisas de GUIMARÃES, Ruth. Op. cit. p. 46-53.

outra sob o leito e a terceira na porta do quintal. Caso o caroço seja encontrado na porta da rua, é sinal de casamento próximo; se sob o leito, o casamento é demorado; se na porta do quintal, não há possibilidade de casamento;

- Na véspera da festa junina, escreva em pedaços de papel nomes de várias pessoas. Enrole-os e coloque-os numa vasilha com água. O papel que amanhecer aberto indicará o nome de seu futuro namorado. Há uma outra versão para esta simpatia: escreva os nomes dos rapazes em pequenos pedaços de papel e coloque-os debaixo do travesseiro. Ao dormir, na véspera de São João, o futuro namorado aparecerá em sonho;

- Ao fazer um pedido a Santo Antônio, caso a pessoa tenha pressa em ser atendida, deve-se rezar um Pai-Nosso pela metade. O santo terá pressa em atender para que a suplicante termine a oração;

- Acenda uma vela e coloque atrás de uma garrafa vazia, no escuro. Com fé em Santo Antônio e em São João, reze, vagarosamente, uma Salve-Rainha até mostrai-nos. Nesse momento você verá o rosto do futuro marido ou esposa, refletido na garrafa;

- Descasque uma laranja com cuidado para que a casca fique inteira. Quando for dormir, na noite de São João, coloque a casca debaixo do travesseiro e reze a Salve-Rainha até mostrai-nos. No dia seguinte, retire a casca e jogue-a para trás. A casca da laranja formará a inicial do nome do futuro marido ou esposa;

- Enfie uma aliança num fio de cabelo sobre um copo com água. Reze a Salve-Rainha até mostrai-nos, contando quantas vezes a aliança bater no copo. O número de vezes que a aliança bater no copo significa o número de anos que falta para você se casar;

- Em um prato branco com água, coloque duas agulhas. Com muita fé, reze a Salve-Rainha até mostrai-nos. Se as duas agulhas se juntarem, você se casará. Caso contrário, ficará no caritó;

- Para saber se está próximo de se casar, plante três cabeças de alho sete dias antes do São João. O número de cabeças de alho que aparecerem no dia 24 de junho, será o tempo que você irá esperar para se casar. Caso não apareça nada, você não se casará. Boa Sorte!

Referências Bibliográficas

AZOUBEL, Roberto. Danças e Ritmos, em Brincantes. Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2000.

BENJAMIN, Roberto. Festejos Juninos: origens. Revista Continente Documento. Ano I. Nº 10 / 2003.

CACCIATORE, Olga Gudolle. Dicionário de cultos afro-brasileiros. Rio de Janeiro: Forense, 1977.

CARVALHO, Nelly. Festejar o São João. Pasta nº 9, Efemérides. Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 10. ed. São Paulo: Global, 2001.

CAVALCANTI, Maria Letícia. Comida de Milho. Revista Continente Multicultural. Ano III, Nº 30, junho / 2003.

CÉSAR, Getúlio. Crençices do Nordeste. Rio de Janeiro: Edições Pongetti, 1941.

COSTA, Valéria Gomes (org.). Apostila Ritmos e Percussões do Nordeste do Brasil (Pernambuco) - AFDAS – Corpus Percussivos. Recife: janeiro, 2008.

GUIMARÃES, Ruth. Medicina Mágica: as Simpatias. São Paulo: Global, 1986.

LÉLIS, Carmem (org). Quadrilha Junina, História e Atualidade – Um movimento que não é só imagem. Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2004.

LIMA, Cláudia. História Junina. Recife: PCR, 2000.

LODY, Raul. Santo Também Come: estudo sociocultural da alimentação cerimonial em terreiros afro-brasileiros, Recife: Artenova S.A, 1979.

MENEZES NETO, Hugo. Quadrilha junina: uma abordagem antropológica. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007. (Texto apresentado no II Seminário de Quadrilhas Juninas). Mimeo.

MUNANGA, Kabengele & GOMES, Nilma. O Negro no Brasil de Hoje. São Paulo: Global, 2006.

PESSOA, Sílvio (org). Ciclo Junino. Recife, Secretaria de Educação de Pernambuco, 1987.

SÃO JOÃO - A grande festa do povo. Continente Documento, CEPE. Ano I, Nº 10 / 2003

PREFEITURA DO RECIFE. Secretaria de Cultura. A fogueira está queimando... também em homenagem a Xangô. Exposição Culinária afro-brasileira no ciclo junino. Recife, 2007. (Núcleo da Cultura Afro-Brasileira).

_____. Coruja e seus Tangarás. Recife, 2006. (Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural – Casa do Carnaval).

_____. São João (Apostila. Capacitação dos estagiários do PETI - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). Recife, 2006. (Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural – Casa do Carnaval).

_____. São João: manifestação da fé, celebração da alegria. Recife, 2004. (Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural – Casa do Carnaval).

_____. São João do Recife, vem que tem! É muita lenha pra queimar. Recife, 2005. (Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural – Casa do Carnaval).

REVISTA CONTINENTE DOCUMENTO. Folclore: o pensar, sentir e agir do povo. Ano II, nº 24, 2004.

REVISTA PORTUGAL. Presenças de Santo Antônio. s/a

VERGER, Pierre Fatumbi. Orixás. Salvador: Currupio, 1997.

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação

Zélia Sales

Supervisão

Albemar Araújo

Pesquisa e Textos

Mário Ribeiro

Design Gráfico

Hugo Vasconcelos

Fotografias

Acervo Prefeitura do Recife, Paulinho Mafe e Hugo Vasconcelos

Revisão de Texto

Norma Baracho Araújo

Colaboração

**Anderson Carlos, Conceição Fragôso, Graça Xavier,
Leandro Souza, Marla Derzi, Mayara Ferreira, Paulinho Mafe,
Vera Regina Marques e Inaldo Menezes**